

APRESENTAÇÃO

EDIÇÃO ESPECIAL “MARXISMO E TEORIA CRÍTICA”

O marxismo e a Teoria Crítica decorrem de uma longa e ampla tradição intelectual que teve sua origem no século XIX, no grupo da chamada “esquerda hegeliana”, em Berlim, do qual fazia parte o jovem estudante Karl Marx. Este filósofo alemão nos deixou um riquíssimo legado teórico-crítico que, desde a filosofia até a economia política, a sociologia, a história, a psicanálise etc., permite submeter a sociedade capitalista a uma crítica social substantiva com interesse emancipatório. Não obstante, é sob este espírito crítico que surgiu a ideia desta publicação, como um número especial intitulado *Marxismo e Teoria Crítica*.

O dossiê em tela resulta de uma proposta editorial da *Problemata - Revista Internacional de Filosofia*, concebida no ano do bicentenário do nascimento de Marx. Em seu processo de afirmação e construção, a ideia se desdobrou de forma coletiva e dialogada até se efetivar na ampla representatividade de colaboradores e abordagens que o presente número expressa.

O volume é composto por textos decorrentes de três perfis de autores: professores e doutorandos do Brasil com experiência de estudos no exterior¹, pesquisadores latino-americanos de Argentina e México, e professores de destacada expressão internacional que atuam em universidades europeias da Alemanha, Itália, Inglaterra, França e Portugal.

Entre esses autores encontram-se estudiosos e editores da obra de Marx em diferentes idiomas, bem como alguns dos mais representativos autores da Teoria Crítica. Isso combina com um dos objetivos desta edição, que é contribuir para a valorização e ampliação das relações de diálogo e colaboração da pesquisa no âmbito internacional – no caso deste número, especialmente em torno do pensamento dialético herdeiro do legado marxiano.

¹ Os estágios realizados receberam apoio das universidades de origem – no caso dos pesquisadores que já eram docentes – e de diversas agências de fomento à pesquisa. Dentre elas: CAPES, CNPq e FAPESP (Brasil); DAAD, Fundação Alexander von Humboldt e Fundação Konrad Adenauer (Alemanha).

Os textos

As sinopses que seguem orientam-se pela economia isonômica de apontar tópicos mínimos sobre o que os textos tratam, deixando ao leitor a tarefa substantiva e aberta de sua exploração e interpretação. Os artigos dos autores internacionais são ordenados de forma decrescente pelas datas de suas edições originais. Os autores brasileiros são ordenados pelas datas de entrega de seus textos à edição.

Abrindo a nossa coletânea, David McLellan apresenta um mapeamento dos modos como a ideia de comunismo aparece em diversos textos ao longo da trajetória de Marx. Ao mesmo tempo que procura evidenciar as suas mudanças, busca compreender o grau de coerência interna de tal ideia, bem como indicar o alcance produtivo da concepção marxiana do comunismo para experiências emancipatórias na sociedade contemporânea.

Joachim Hirsch discute sobre os desenvolvimentos plurais da herança intelectual de Marx no Estado alemão de Hessen, onde teve destaque, dentre outros, o Instituto de Pesquisa Social, sede inicial da chamada “Escola de Frankfurt” ou Teoria Crítica da Sociedade. Tematiza criticamente o significado da teoria de Marx hoje e apresenta a ideia de um “reformismo radical” no lugar de formulações tradicionais da teoria marxista.

Alex Demirović reflete sobre a condição de validade da teoria em Marx. Parte da ideia de que as teorias nascem nos embates corpo a corpo da vida social e se coloca o problema de como a teoria marxiana lida com a contradição de estar vinculada a conflitos, fazendo immanentemente parte deles, ao passo que nisto pretende afirmar sua pretensão de verdade. Para tanto, o texto recupera elementos também de Horkheimer e Foucault.

Andreas Arndt desenvolve uma crítica de elementos da metodologia e do conteúdo envolvidos na tese de Paschukanis sobre a determinação da forma Estado pela forma mercadoria. Questiona a associação de determinadas ideias de Marx a tal teoria, recusa a perspectiva de extinção total do direito e argumenta que ela despreza mediações necessárias à vida social e se baseia num apagamento da personalidade.

Mario Schäbel retoma o debate em torno da Nova Leitura de Marx desenvolvida por integrantes da primeira geração da Teoria Crítica. Refuta a interpretação de que a luta de classes não jogou um papel importante para esses autores e argumenta que a crítica da economia política constituiu o seu paradigma central de fundo, do qual avalia que a Teoria Crítica se afastou com a ruptura estabelecida pelo pensamento de Habermas.

Rahel Jaeggi apresenta um extrato de sua teoria sobre a “crítica das formas de vida”,

tema que intitula seu principal livro ainda inédito em português. Problematisa as formas de vida como feixes de práticas sociais, como objetos de crítica e instâncias de resolução de problemas. Discute o aspecto normativo da crítica numa mediação com Hegel e enfatiza o caráter imanente dessa crítica, descartando uma orientação externa, que soaria autoritária.

Rolf Hecker traça um panorama dos materiais básicos de estudo de Marx e Engels publicados na quarta seção da *MEGA*². Redigidos entre os anos 1840 e 1870, tais documentos cobrem diversas áreas do saber e revelam a grande base multidisciplinar da obra de Marx. Eles expressam a preocupação do autor com a apreensão dos fenômenos em sua totalidade e globalidade, assim como em seu desenvolvimento histórico e dialético.

Giovanni Sgro' relê o "Capítulo sexto inédito" de *O capital* por um circuito de temas conexos entre a produção de mercadorias, de mais-valia e a reprodução da relação de capital. Ao destacar que Marx considera produtivo todo o trabalho que produz mais-valia, observa que isso legitima o termo *Arbeiter* como *trabalhador*, mais amplo do que *operário fabril*, o que permite à análise de Marx alcançar formas novas e atuais do trabalho.

Facundo Nahuel Martín realiza uma metaleitura de aproximação entre os *Manuscritos de 1844* de Marx e a *Dialética negativa* de Adorno. Considera que a crítica à dialética hegeliana afasta o jovem Marx de uma filosofia antropocêntrica e do primado do sujeito. Retomando conceitos de Adorno, vê na crítica de Marx elementos de uma dialética negativa recuperadora do empírico e do natural, bem como do oposicional e do diverso.

Ferruccio Andolfi retoma as formulações de Marcuse sobre a emancipação do trabalho, cuja ênfase recai numa libertação capaz de superar a contradição apontada por Marx entre reino da necessidade e da liberdade. E questiona se o que se taxa como utopismo em Marcuse não é uma condição de negação necessária em uma época que interdita pensar alternativas e onde a própria esquerda fala de socialismo com constrangimento.

Christoph Türcke trata de aspectos da teoria horkheimeriana fazendo emergir o tensionamento de suas concepções sobre a mudança social. Inventaria o pensamento do filósofo de modo a retomar na crítica os elementos contribuintes à anulação do indivíduo e à exaltação da sociedade idealmente fascista. Deixa claro que enfrentar o diagnóstico radical sem ceder a certas tentações é uma tarefa singularmente desafiadora.

Wolfdietrich Schmied-Kowarzik tematiza a filosofia crítica da práxis social a partir das *Teses sobre Feuerbach* de Marx. Criticando compreensões limitadas da relação teoria-prática, bem como leituras científico-positivistas, apreende a própria compreensão da práxis como parte dela mesma, à medida que se situa numa história como processo em devir, no qual

os indivíduos desempenham um papel ativo e solidário transformador.

Na subseção “Conferência”, José Barata-Moura escreve sobre aspectos da trajetória histórica e do significado crítico de *O capital*. Mapeia conteúdos e esmiúça sentidos conexos da obra, que oferecem uma dialética chave para a decifração e para a transformação dos fenômenos do sistema do capital. E frisa que Marx advertia para críticas capazes de julgar e condenar, mas incapazes de *conceber* no sentido dialético de compreender devidamente para revolucionar.

Os artigos nacionais começam com o trabalho de Leonardo da Hora Pereira, que põe em debate a relação entre ontologia social e Teoria Crítica. Chama a atenção para a necessidade desta refletir sobre seus próprios pressupostos sociais e ontológicos visando resgatar uma teoria social crítica que leve em conta os seguintes aspectos: o epistemológico de seus princípios e métodos, o sociológico acerca da natureza social da crítica, e o político, sobre as consequências práticas da teoria, ou a relação teoria e prática.

Robson Loureiro e Emerson Campos Gonçalves recuperam os estudos sobre a personalidade autoritária, desenvolvidos pelo Grupo de Berkeley, com o intuito de consubstanciar uma crítica ao neoliberalismo e sobre como este está alinhado com a ascensão de governos de extrema-direita na América Latina, enquanto um fenômeno relacionado ao avanço do neonazifascismo em escala mundial.

Eduardo Soares Neves Silva e Luiz Philipe de Caux propõem uma leitura de “Elementos do antissemitismo”, de Adorno e Horkheimer, a partir de uma exegese que se pauta em uma dupla chave heurística: uma abordagem interdisciplinar associada com uma investigação do objeto de modo dialético-analógico. O artigo contribui para desvendar o espinhoso enigma da análise dos autores da *Dialética do esclarecimento*, cifrada nos “Elementos”, um texto que foi acrescentado tardiamente a esse livro.

Thiago Simim situa a leitura da teoria do reconhecimento no seu contexto de emergência, que ele realiza de maneira indissociável a uma crítica imanente desta própria teoria. Explora criticamente, no pensamento de Axel Honneth, as condições de possibilidade de uma perspectiva teórica que pretensamente transcende o paradigma do trabalho, bem como analisa o alcance das relações entre princípio de desempenho e solidariedade no autor.

Rosalvo Schütz afirma a influência de Schelling sobre o pensamento de Ernst Bloch, em contraponto à crítica de Habermas, para quem isso teria comprometido o caráter crítico da teoria blochiana. Enfatiza que Bloch, na verdade, aprofundou e ampliou o caráter crítico de sua teoria ao se aproximar do pensamento schellinguiano, especialmente das concepções deste

autor sobre a natureza em devir e do conhecimento como um sistema aberto.

Henrique Wellen analisa, a partir do resgate das formas de valor de Marx em *O capital*, como as relações entre as mercadorias na sociedade capitalista correspondem à expressão fenomênica da riqueza social, constituindo parâmetros para a determinação da soberania econômica do valor. Defende que a análise da riqueza no capitalismo deve ser abordada tendo a mercadoria como sua principal forma de manifestação nessa sociedade.

Marta Maria Aragão Maciel propõe alguns vínculos entre as obras de Ernst Bloch e Walter Benjamin, tendo como ponto de toque entre os dois autores o viés de um marxismo herege, com ênfase na crítica à modernidade tal como elaborada por cada um deles, e a respeito de como seus pensamentos estabelecem entre si uma relação simbiótica. Bloch e Benjamin defendiam dois projetos revolucionários de escovar a história a contrapelo.

Luciana Azevedo Rodrigues e Márcio Norberto Farias discutem sobre a materialidade dos brinquedos nos equipamentos que ocupam os espaços públicos da cidade. Partem da ideia de Walter Benjamin, de que “o brinquedo condensa em sua materialidade um diálogo silencioso entre adultos e crianças”. Associam este esquema teórico com a filosofia da sensação de Christoph Türcke e elaboram uma crítica ao tempo presente e seus mecanismos de estímulos imagéticos excessivos no mundo virtual.

Paulo Denisar Fraga argumenta que a potencialidade negada da riqueza das necessidades é o pressuposto da crítica nos *Manuscritos de 1844*, de Marx. E que a dimensão passivo-ativa das necessidades constitui um objeto de peculiar natureza material-subjetiva para uma crítica de caráter imanente e aberta para a frente, tendo em vista que Marx, como Hegel, concebe as necessidades como múltiplas e histórico-infinitas.

Wécio Pinheiro Araújo examina o conceito de capital fictício em Marx a partir de uma leitura ontológico-dialética do livro terceiro de *O capital*. Ensaia uma atualização das mediações da crítica do valor marxiana para o tempo presente e apresenta o seu conceito de virtualidade real para explicar a contradição estabelecida entre, de um lado, o conteúdo das relações sociais na era das finanças digitalizadas, e de outro, a forma alienada dos indivíduos vivenciarem como real aquilo que é virtual, sob a dominação do capital fictício.

Sônia Maria Schio e Davi Inácio Nascimento problematizam as concepções de “poder” e de “relações de poder” entre Michel Foucault e Axel Honneth. Abordam a atualidade da Teoria Crítica à medida que, de maneira sincrônica, apresentam a transitoriedade do conceito de poder em Foucault agregada a uma breve análise da recepção de seu pensamento por Honneth.

Na subseção “Comentário”, Luiz Gustavo da Cunha de Souza apresenta uma resenha expandida de duas obras de Honneth: *Reificação e Anerkennung*. Esmiuça a estrutura do projeto teórico desses títulos para então fazer o arremate estabelecido entre, de um lado, o lugar do conceito de reificação na teoria do reconhecimento e, de outro, a busca honnethiana por desvendar os níveis em que o conceito de reconhecimento pode contribuir para a construção de uma teoria social crítica.

Por fim, a edição traz resenhas de relevantes obras publicadas sobre temas do marxismo e da Teoria Crítica: de Michael Löwy, do livro de Wolfdietrich Schmied-Kowarzik, que trata da relação dialética entre homem e natureza em Marx; de Elisa Zwick, que aborda o livro de Christoph Türcke a respeito do transtorno do déficit de atenção com hiperatividade e a proposição dos estudos rituais; de Pablo Luiz de Oliveira Lima, sobre a biografia de Michael Heinrich que trata da vida e da obra do jovem Marx estudante; de Emmanuel Nakamura, que discute o livro de Sangwon Han quanto à política e a *Dialética negativa* de Adorno; e de Natália Teixeira Rodrigues e Wécio Pinheiro Araújo, que resenham o livro de Silvia Federici sobre a história oculta das bruxas na dominação patriarcal, necessária à formação capitalista durante o avanço das forças produtivas no feudalismo.

Agradecimentos

Em nome da editoria da revista *Problemata*, registra-se um triplo agradecimento: aos colegas brasileiros que apresentaram seus trabalhos ou que leram e colaboraram em outros textos da edição; especialmente aos que contribuíram no processo de captação de textos e/ou assumiram a responsabilidade de suas traduções; e aos autores internacionais, que confiaram na proposta do projeto e concederam a esta edição a honrosa tarefa de receber e zelar pela preparação de seus textos em outro idioma.

Que esta edição possa contribuir para o espírito intelectual que a produziu. O espírito crítico que se associa de forma aberta no trabalho de colaboração intelectual, sem o que a reunião e preparação desse expressivo conjunto de textos não teria sido possível. É o que de mais elevado se deve comemorar na conclusão deste trabalho. Afinal, a esquerda sempre deve considerar como um valor quando algo da forma prática se encontra com algo do conteúdo de suas ideias. Independente de quanto isso seja modesto para suas grandes tarefas.

Berlim/João Pessoa, outono/primavera de 2019.

*Os organizadores,
Paulo Denisar Fraga e Wécio Pinheiro Araújo*